



A tradução militante feminista e o silêncio

The feminist militant translation and the silence

DOI 10.20396/lil.v26iEspecial.8671024

Solange Mittmann¹
UFRGS

Resumo

O objeto deste artigo é o processo tradutório de militância feminista. Mobilizando alguns princípios abordados por Orlandi na obra *As formas do silêncio*, inicialmente, acentuo o lugar do silêncio como constitutivo do processo tradutório, defendendo que o silêncio é o que produz tanto a demanda como a possibilidade de produção do discurso da tradução. Em seguida, faço referência à atuação de tradutoras na militância feminista, que fazem falar e tornam acessível a outras leitoras o que é silenciado pelo patriarcado. Finalmente, analiso paratextos de traduções de obras feministas, observando tanto movimentos de circunscrição de sentidos, como de acolhimento da diversidade, movimentos tornados possíveis pelo silêncio.

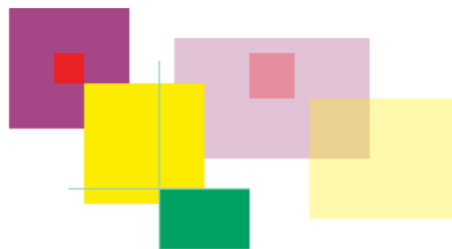
Palavras-chave: Tradução Feminista, Tradução Militante, Processo Tradutório, Silêncio, Paratexto.

Abstract

The object of this article is the translation process of feminist militancy. Adopting precepts approached by Orlandi in *As formas do silêncio* [The forms of silence], I initially highlight the place of silence as being constitutive of the translation process, defending that the silence is what produces the demand as well as the possibility of production of the translation discourse. Sequentially, I refer to the role of female translators in the feminist militancy, who make what is silenced by the patriarchy be said and accessible to other female readers. Finally, I analyze paratexts of translations of feminist works, observing the movements of circumscription of meanings as well as of acceptance of diversity, movements made possible by the silence.

Keywords: Feminist Translation, Militant Translation, Translation Process, Silence, Paratext.

¹ Solange Mittmann é professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras. Vinculada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, ministra disciplinas de Língua Portuguesa nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Letras. Lidera o Grupo de Pesquisa "Discurso, Arquivo, Autoria e Questões de Gênero" e coordena o projeto de pesquisa "Memória e atualidade em práticas e questões de gênero".



O silêncio é o que demanda e o que possibilita a tradução

A tradução só é possível no vão, no espaço do silêncio, e o que demanda a tradução é esse vão. É o vão que impõe trabalhar os sentidos – um trabalho que envolve, por um lado, a injunção a interpretar e, por outro, a impossibilidade de encerrar sentidos. Se, como diz Orlandi (1995, p.39), o silêncio “atua na passagem (des-vão) entre pensamento-palavra-e-coisa”, posso afirmar que o vão entre línguas é o que demanda a tradução, e o vão (ou o des-vão entre, como descreve a autora) na língua é o que torna possível a tradução.

Por mais que se fale, que se traduza e retraduz, que se acrescentem prefácios, comentários e notas, a tradução permanece no vão, com o silêncio (e os sujeitos) sempre ali trabalhando – “mais se diz, mais o silêncio se instala”. (ORLANDI, 1995, p. 71)

É essa premissa que tem me levado a pensar a contribuição da Análise do Discurso (a partir de Michel Pêcheux e Eni Orlandi) para os estudos da tradução (e análise de traduções) e, na mão inversa, a contribuição das reflexões sobre a tradução e o processo tradutório para a teoria materialista do discurso, já que toda análise ou reflexão sobre um objeto faz trabalhar a teoria.

Este excerto sobre a incompletude da linguagem, tomado da obra *As formas do silêncio – no movimento dos sentidos*, tem me auxiliado a discutir a tradução como trabalho não definitivo, como lugar de incompletude e de abertura a possibilidades:

[...] há uma dimensão que remete ao caráter da incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer. Essa dimensão nos leva a apreciar a errância dos sentidos (a sua migração), a vontade do “um” (da unidade, do sentido fixo), o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude (lugar dos muitos sentidos, do fugaz, do não-apreensível), não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo de seu funcionamento. (ORLANDI, 1995, p. 12)

Se o silêncio é o lugar do equívoco, e se o equívoco é o próprio da linguagem (e, mais particularmente aqui, da língua e dos idiomas), abordar a tradução pelo viés do vão e do silêncio implica considerar que não se trata de um tropeço vez que outra, que não se trata de um erro que possa ser corrigido, uma lacuna que possa ser preenchida. Trata-se do que é



constitutivo da linguagem, do sujeito e do discurso, trata-se, como indica Orlandi (Idem), da “condição do significar”. Como afirmei em outra oportunidade,

[...] a tradução, como qualquer leitura e como qualquer produção de discurso, se dá justamente sobre o equívoco. O equívoco é a possibilidade de interpretar de uma ou de outra forma possível. E interpreta tanto quem lê como quem produz e, portanto, também quem traduz. Por isso, a tradução é o lugar de interpretação, de possibilidades, de equívocos. (MITTMANN, 2001, p. 108)

Importa destacar que esse vão que estou abordando não é vazio, assim como o silêncio não é o vazio. Partindo do que esclarece Orlandi (1995, p.23) sobre o silêncio – “Não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significante.” –, permito-me dizer sobre o vão da tradução, espaço onde o silêncio faz significar e onde os sujeitos trabalham: esse vão não é um vazio sem história, aliás, é carregado de história, de memória. É em um vão constituído de história e em que a memória intervém, que o sujeito (autor, leitor, tradutor, crítico da tradução) trabalha. Afinal, o silêncio é “a possibilidade para o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva” (Idem, p. 23), ou seja, de trabalhar sua relação com o outro, de remeter a outros discursos. É o silêncio que torna possível essa remissão. Afinal, se a língua e o discurso fossem maciços, não haveria possibilidade de movimento, de remissão, de produção de efeitos de sentido, de entrada do sujeito na leitura.

Falar em “efeitos de sentido” é, pois, aceitar que se está sempre no jogo, na relação das diferentes formações discursivas, na relação entre diferentes sentidos. Daí a necessidade do equívoco, do sem-sentido, do sentido “outro” e, conseqüentemente, do investimento em “um” sentido. (ORLANDI, 1995, p. 21-22)

Com o esquema a seguir, procuro tornar visível o movimento entre formações discursivas:

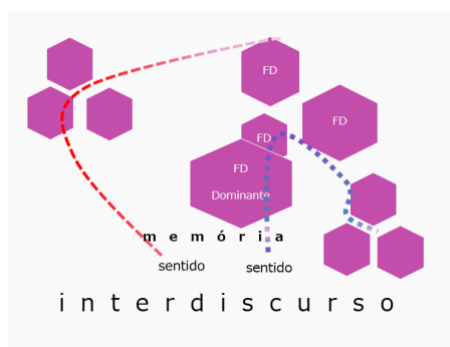
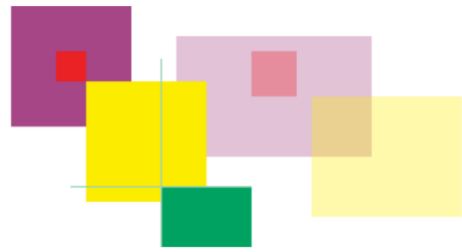


Figura 1 – Esquema elaborado pela autora.



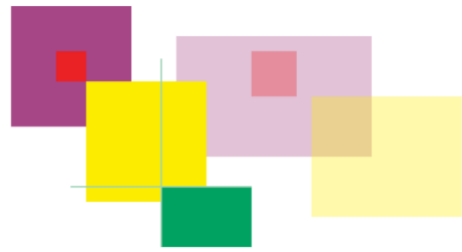
Os sentidos deslizam entre as formações discursiva, pousam provisoriamente em uma ou outra, levando ao efeito de evidência, mas nenhuma formação discursiva é “proprietária” do sentido, pois a produção discursiva dos objetos circula “entre diferentes regiões discursivas, das quais nenhuma pode ser considerada originária”. (PÊCHEUX, 2011 [1984], p. 158), Por isso, trata-se sempre de metáfora – “Inclusive a noção de ‘sentido próprio’, que caminha par-a-par com a noção de sentido ‘figurado’, derivado, secundário, etc., perde aqui toda significação”. (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 182) – apesar do efeito de literaridade proporcionado (e imposto) pela inscrição do sujeito em uma formação discursiva e não outra.

Essa inscrição se realiza a partir da interpelação ideológica: “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 161, grifo do autor). Isso faz com que o sujeito interprete algum sentido como literal, outros como conotações (aceitos desde que em posição secundária) e outros como impossíveis.

Assim, o trabalho do tradutor se dá a partir da ideologia que o interpela e constitui como sujeito de discurso, interpelação essa que se dá pela formação discursiva em que se inscreve como sujeito do processo discursivo tradutório. Daí a importância de se considerar, nas reflexões sobre a tradução e o processo tradutório, uma formação discursiva tradutória:

No processo tradutório, a interpelação do indivíduo em sujeito-tradutor se dá numa rede discursiva que passa a oferecer as possibilidades de sentidos para a tradução enquanto prática social. Tal rede corresponde, portanto, a uma formação de discursos possíveis relacionados aos saberes que regulam o gesto tradutório. Por conseguinte, podemos propor, dadas a regularidade, a dispersão e a regionalização do interdiscurso nesta rede, uma Formação Discursiva Tradutória. (HENGE, 2015, p. 35-36)

Abordar a tradução considerando uma formação discursiva tradutória nos possibilita pensar o funcionamento do processo tradutório a partir de uma espécie de regulação (determinando o que pode/deve ser dito) da sua relação (e atravessamentos) com outras formações discursivas. Na reflexão que trago para este artigo, a relação que se estabelece é com uma formação discursiva de militância feminista, como mostrarei a seguir.



A tradução militante feminista: fazendo falar o silenciado

Na tradução militante feminista, há o encontro entre saberes feministas e saberes sobre a tradução. Esse encontro afeta tanto a formação discursiva de militância feminista como a formação discursiva tradutória. Se tomarmos como foco de observação a formação discursiva tradutória, podemos considerar a tradução militante feminista como uma posição sujeito que reverbera alguns saberes da forma sujeito da formação discursiva tradutória, mas também entra em atrito com outros, pois há mudança de certos paradigmas, como mostrarei mais adiante.

No âmbito da formação discursiva de militância feminista, o processo tradutório é considerado uma ferramenta de militância política, permitindo a disseminação de mais discursos feministas para mais mulheres que, sem a tradução e a disseminação, não teriam acesso a eles. E acesso aqui não está colocado apenas no sentido de possibilitar o encontro entre os grupos sociais e a obra estrangeira, mas também no de tornar o discurso da obra acessível através de prefácios, posfácios, notas de tradução, palestras etc. Segundo Flotow (2021, p. 498), a tradutora feminista exerce um “papel político como mediadora”.

Tomo como exemplo o Coletivo Sycorax, que tem traduzido textos de Silvia Federici, disponibilizando as obras *Calibã e a bruxa – mulheres, corpo e acumulação primitiva* e *O ponto zero da revolução – trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Segundo Santana (2019, p. 11), a Federici “mais que preencher uma lacuna, se soma às pensadoras dedicadas a escrever a história das mulheres. Uma história omitida, apagada, silenciada.”

Aqui aciono outro elemento abordado por Orlandi na obra *As formas do silêncio: a interdição do dizer, o silenciamento – que “não é silêncio, mas ‘pôr em silêncio’”* (ORLANDI, 1995, p.12). A tradução feminista resgata e faz circular o discurso silenciado, negligenciado pelo poder capitalista patriarcal.

Além das traduções publicadas de forma impressa pela editora Elefante e de forma *on line* no site do Coletivo, as tradutoras promovem debates sobre a obra e publicaram artigos sobre o processo tradutório, onde afirmam: “reivindicamos a tradução independente e coletiva como um projeto político de caráter formativo, sobretudo em contextos em que o acesso ao conhecimento é um privilégio”. (ROSAS et al., 2020, p. 131)



Para isso, é preciso fazer um trabalho sobre os bastidores do processo tradutório. No avesso do processo, torna-se iminente rediscutir princípios sobre a tradução, como, por exemplo, sobre a língua. Afinal,

[...] o processo tradutório se dá sobre a base de duas línguas, levando em conta que esta base é material, isto é, histórica, constituída e atravessada pela história e pela memória de discursos que em cada uma já foram produzidos. (MITTMANN, 2001, p. 107)

Na tradução militante feminista, não é produtiva uma concepção de língua estável, pois é preciso fazer a língua trabalhar no impacto entre saberes da tradução e saberes do feminismo. Também não cabe uma percepção do texto como fechado, já que ele deve se distender em notas, prefácios e em outros textos. E impactando mais diretamente os estudos da tradução, não é aceita uma posição de passividade para quem traduz.

Tem-se tornado quase rotina, para as tradutoras feministas, refletirem sobre seu trabalho, em um prefácio, e ressaltarem sua presença ativa no texto, em notas de rodapé. A tradutora modesta, discreta, que produz uma versão fluente, legível, do original, na língua-alvo, tornou-se coisa do passado. (FLOTOW, 2021, p. 500)

É preciso enfrentar nossa herança eurocêntrica sobre os princípios que regem a tradução: a tradição tradutória sustentada nos princípios fundados nas igrejas com as traduções masculinas de textos religiosos, hierarquizando o discurso original, como sentido único, que proviria de Deus, e do qual a tradução deveria ser cópia fiel, reprodução perfeita. Mesmo a expansão das belas infieis e das versões (fossem por correções ou por paródias), nos séculos XVII e XVIII, não impediu a permanência da mesma hierarquização, apontando a autoridade do autor e o desejo de sempre retorno ao original. Com isso, “o discurso sobre a tradução sempre foi tão saturado pelas considerações a respeito da fidelidade que esqueceu-se, em seu caminhar, da relação de poder sobre a qual é constituído.” (DÉPÊCHE, 2000, p. 164)

Diferentemente de apenas ambicionar o texto de chegada como produto final, resultado pronto, fechado, trata-se de pensar o processo, o movimento... Retomo o exemplo do Coletivo Sycorax, pois seu processo tradutório envolve reuniões, revisões por partes entre pares de tradutoras e revisões pelo grupo, publicação de uma versão Beta com posterior recebimento de sugestões de leitoras, além de debates, novas edições com alterações...



Encaramos nosso trabalho como tendo uma continuidade, que vai desde a identificação de textos que tenham potencial para a formação crítica, sua tradução, com o apoio de textos, paratextos e imagens que acompanhem a sua contextualização e engloba a participação do coletivo em atividades como oficinas, debates e rodas de conversa que relacionem a obra aos nossos contextos de luta. (ROSAS et al., 2020, p. 131)

Trata-se, portanto, de uma mudança de paradigma sobre o processo tradutório, levando ao seguinte movimento:

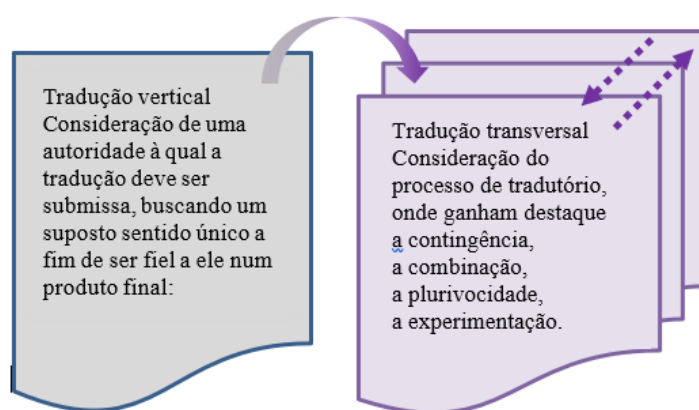


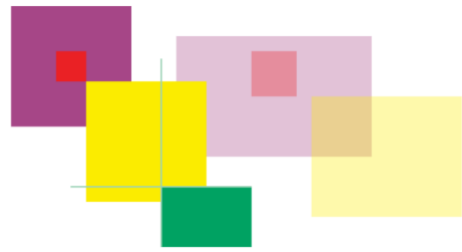
Figura 2 – Esquema elaborado pela autora.

Assim, é possível enfrentar o silenciamento e fazer falar (para ser lido, ouvido, levado em conta, reverberado) o até então silenciado. É a isso que estou descrevendo como tradução militante feminista, em sua relação tanto com o silenciamento como com o silêncio no vazio.

Em lugar de uma produção que visa ao seu próprio término, o que encontramos é uma abertura a novos laços, novas produções em rede. No prefácio de uma outra obra – *Mulheres e caça às bruxas*, de Silvia Federici, traduzida por Heci Regina Candiani e publicada pela Boitempo –, Bianca Santana, do Coletivo Sycorax, relata:

Enquanto líamos *Calibã* na cozinha de ladrilhos verdes, queríamos espalhar essa outra versão da história da Europa e do colonialismo para todo mundo! Talvez fosse uma ideia similar à de quem aconselhou Silvia, durante anos, a escrever um livro mais simples que *Calibã e a bruxa* na tentativa de alcançar um público mais amplo. No segundo semestre de 2018, *Mulheres e caça às bruxas* foi publicado com esse propósito – e eis aqui, traduzido para o português, um ano depois. (SANTANA, 2019, p. 11)

Nessa perspectiva, já não há um foco exclusivo para o retorno ao texto (e contexto) de partida, pois toma lugar de destaque a função do texto no contexto social, cultural de



chegada, o lugar próprio no litígio social, na luta de classes, nos debates e embates de gênero. Na produção em rede, os sentidos estão em movimento e novos textos vão sendo produzidos em ramificações transversais.

A circunscrição da tradução por paratextos

Orlandi (1990), ao analisar relatos de missionários europeus sobre o Brasil nos séculos XVI e XVII, bem como as reedições e a tradução desses relatos nos séculos XIX e XX, aborda dois objetos: o prefácio e a nota de pé de página. A autora os considera como discursos paralelos que buscam controlar os sentidos pelo início (caso do prefácio) e pelas margens (caso das notas), e entende que buscam “não permitir que o texto signifique (como poderia) de *outro modo*”, ou seja, que “aí signifiquem outras formações discursivas”, interditando a compreensão de que “há sentidos em confronto num mesmo texto, que marcam constitutivamente a sua dispersão e heterogeneidade”. (ORLANDI, 1990, p. 117)

Como disse, a autora está tratando de um objeto bastante específico: a interpretação dos europeus sobre o Brasil e os povos indígenas. E eu aqui trato de um outro objeto bastante específico: a tradução feminista – que abordo a partir de paratextos produzidos pelas tradutoras do Coletivo Sycorax. Por isso, faço uma torção sobre a leitura dos excertos que tomo de Orlandi (1990) e afirmo que da mesma forma que há confrontos entre formações discursivas (sobretudo em relação à formação discursiva patriarcal), que constituem o próprio discurso da tradução feminista, levando à necessária delimitação de fronteiras e, portanto, de sentidos possíveis, há também, no caso da tradução feminista, a afirmação da heterogeneidade feminista interseccional e transnacional, como cerne de um posicionamento político democrático.

Observamos essa tentativa de alargamento de vozes e estreitamento de uma posição (talvez se possa pensar em diferentes formações discursivas em uma mesma formação ideológica) neste manifesto das tradutoras do Coletivo Sycorax:

Consideramos então que, conforme nos ensinam os estudos da tradução feminista transnacional (Alvarez, 2009), a intersecção das opressões de raça, classe, gênero e sexualidades deve perpassar toda nossa prática tradutória e, inclusive, mediar nossos interesses políticos de difusão das obras como ferramenta para capacitar nossas lutas contra o capitalismo. (ROSAS et al., 2020, p. 123)



A interseccionalidade (de raça e gênero, por exemplo) e as divergências (feminismo marxista e feminismo liberal, por exemplo) trazem condições de existência múltiplas e contraditórias como sustentáculo de processos discursivos diversos de resistência às opressões. Na apresentação da tradução de *Calibã e a bruxa*, intitulada “Nota das tradutoras”, encontramos o acolhimento da diversidade no discurso de tradução militante feminista:

Para além de pensar o tema apenas circunscrito à Inquisição no Brasil e à caça às bruxas do período colonial, entendemos que esse fenômeno ainda está presente no encarceramento massivo de mulheres negras perpetrado pelo Estado; na subrepresentação ou representação deturpada da mulher nos meios de comunicação; nas violências obstétricas contra as cidadãs que recorrem ao Sistema Único de Saúde (SUS); nos corpos das vítimas da violência policial nas periferias; e na experiência cotidiana de perseguição, silenciamento, agressão e invisibilização das mulheres trans, travestis e prostitutas, entre tantos paralelos essenciais. (COLETIVO SYCORAX, 2017, p. 9)

As formações discursivas, bem como a memória discursiva, regulam os discursos das demandas em constante conflito. Mas o patriarcado como mecanismo opressor capitalista se mantém como o cerne do que precisa ser combatido. Assim, as contradições não são expostas, nesse discurso, pela via do conflito, mas do acolhimento.

Dessa forma, há, pelos paratextos, o cerceamento de sentidos – necessário à defesa de um posicionamento contra o patriarcado, o machismo e o discurso falocêntrico –, mas há também a defesa da diversidade. A essa defesa da diversidade dos movimentos feministas se alia a defesa de possibilidades múltiplas de traduções. Por isso, da perspectiva de uma tradução vertical, é preciso passar à perspectiva de uma tradução transversal, com possibilidades de novas ramificações e entrecruzamentos.

Posteriormente à tradução de *Calibã e a bruxa*, o Coletivo Sycorax se embrenhou na tradução de *O ponto zero da revolução*. No texto de apresentação da tradução, também intitulado “Nota das tradutoras”, encontramos a defesa da prática tradutória do “avizinhar-se” em oposição à prática tradutória do “transpor”:

Quando se escolhe uma obra para ser traduzida, assume-se a tarefa de aproximar mundos. Nós, Sycorax, como coletivo feminista de tradução, preferimos dizer “aproximar”, e não “transpor”. Segundo o *Dicionário Caldas Aulete*, “transpor” pode ser entendido como ato de “passar de um meio de expressão para outro”, mas também como “passar por sobre” ou “alterar a ordem de”. Já “aproximar” pode significar “avizinhar-se”, ou mesmo “fazer parecer mais próximo”. [...] Também caberia utilizar o mais poético “verter”, que engloba



“passar de uma língua para outra”, “fazer transbordar”, “manar, brotar, ter início em”. (COLETIVO SYCORAX, 2019, p. 7)

Esse excerto anuncia o movimento que descrevi no último esquema: da rejeição a uma tradução vertical que levaria a um suposto texto definitivo à defesa de uma tradução transversal que leva a diferentes possibilidades de aproximações e debates e à produção de novos paratextos. Como visto anteriormente, o próprio *Witches, Witch-Hunting, and Women* (*Mulheres e caça às bruxas*, na tradução de Heci Regina Candiani) é já um paratexto de *Caliban and the Witch* (*Calibã e a bruxa*, na tradução do Coletivo Sycorax).

Essa produção transversal nos proporciona exemplos de movimentos sobre os sentidos através de notas de tradução. Cito aqui o trabalho realizado sobre palavra “sati”, mote de duas notas de tradução. A primeira nota é do Coletivo Sycorax no *Calibã e a bruxa*:

Na década de 1840, por exemplo, houve uma onda de queima de bruxas no oeste da Índia. Nesse período foram queimadas mais mulheres por serem consideradas bruxas do que por incorrerem na prática do *sati* (Skaria, 1997, p. 110).²⁰⁷

207 Sati era um antigo costume entre algumas comunidades hindus no qual as viúvas se sacrificavam na pira funerária de seu marido morto. Tornou-se uma prática proibida na Índia a partir do colonialismo britânico. [N.T.P.]

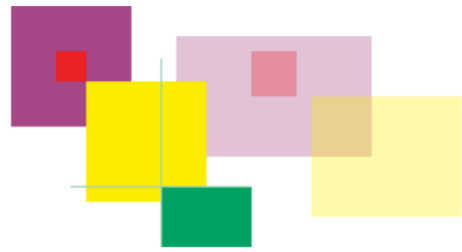
(FEDERICI, 2017, p. 414)

A nota torna acessível às leitoras brasileiras um elemento que se supõe desconhecido, cumpre o papel de não deixar a palavra à deriva (sem prender-se às determinações de nenhuma formação discursiva), não deixar na ordem do *non sense*. Como diz Orlandi (1990, p. 106), esse é “o caráter contraditório das notas: elas são índices de dispersão dos sentidos e ao mesmo tempo são instrumentos de definição”.

A segunda nota, tomo de Heci Regina Candiani em sua tradução de *Mulheres e caça às bruxas*:

Nesse sentido, entendo as caças às bruxas da atualidade em um *continuum* com fenômenos como “assassinatos por dotes”, o retorno do *sati** na Índia e os assassinatos de centenas de mulheres em algumas localidades mexicanas na fronteira com os Estados Unidos, como Ciudad Juárez.

*Prática tradicional de algumas comunidades hindus segundo a qual a viúva se lança na pira funerária do marido no momento da cremação, sendo queimada viva. A prática do *sati*, hoje legalmente proibida na Índia, deveria ser voluntária,



mas há vários registros históricos de mulheres que teriam sido forçadas por familiares do marido a realizá-la. (N.T.)

(FEDERICI, 2019b, p. 110)

Os diferentes recortes de sentidos efetuados pelas tradutoras em um e outro processos tradutórios (que resultaram na produção das duas notas) são um indício de que a tradução é sempre possibilidade, esgarçamento de um texto já aberto (apesar de seu efeito de fechamento em unidade). Como afirma Orlandi (1990, p. 106), “as notas são o sintoma do fato de que um texto é sempre incompleto, e que se podem acrescentar novos enunciados, indefinidamente”.

Do de-silenciamento ao silêncio fundante

Defendi neste artigo que a tradução militante feminista produz consequências nas duas direções: a) para os movimentos feministas, por trazer à tona discursos silenciados pela formação social capitalista patriarcal e por entrelaçar textos e engatilhar novos processos discursivos, levando à produção de outros textos e paratextos; b) para os estudos da tradução, por exigir novas formas de pensar a tradução, ou, como diz Dépêche (2000, p. 178), “transformando a alteridade absoluta em deriva das diferenças”.

Assim, do entrecruzamento de duas formações discursivas (que delineei neste artigo chamando-as de formação discursiva de militância feminista e formação discursiva tradutória), surge uma posição sujeito, a da tradução militante feminista, que faz retorno e afeta os saberes e as práticas de ambas formações discursivas.

Na tentativa de descrição, que busquei detalhar através reflexões sobre a tradução e exemplos de paratextos de tradução, o silêncio, ao lado do equívoco, aparece como elemento fundamental. Se o silêncio é “o real do discurso”, “a iminência do sentido”, o que “indica que o sentido sempre pode ser outro”, como nos diz Orlandi (1995, p. 31, 13 e 14 respectivamente), é porque ele está na própria palavra. E a palavra é a base material do processo discursivo tradutório. Por isso, iniciei este artigo afirmando que o silêncio é o que demanda e é o que possibilita a tradução (ou as traduções, os movimentos de sentidos). Afinal, como afirma Orlandi (1995, p. 14), o silêncio “atravessa as palavras”, ele é “fundante”.



Referências bibliográficas

COLETIVO SYCORAX. Nota das tradutoras. In: FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. p. 7-10.

COLETIVO SYCORAX. Nota das tradutoras. In: FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019a. p. 7-12.

DÉPÊCHE, Marie-France. A tradução feminista: teorias e práticas subversivas, Nísia Floresta e a escola de tradução canadense. **Textos de história**, vol. 8, n.1/2, p. 157-188, 2000.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. Tradução de *Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation*, 2004.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019a. Tradução de *Revolution at Point Zero: Housework, Reproduction, and Feminist Struggle*, 2012.

FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019b. Tradução de *Witches, Witch-Hunting, and Women*, 2018.

FLOTOW, Luise von. Tradução feminista: contextos, práticas e teorias. Trad. Ofir Bergemann de Aguiar e Lilian Virginia Porto. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 41, n. 2, p. 492-511, mai-ago, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2021.e75949>

HENGE, Gláucia da Silva. **Feitos e efeitos discursivos no processo tradutório do literário: uma discussão sobre o fazer tradutório da obra Pride and Prejudice de Jane Austen**. Tese de Doutorado. UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015.

MITTMANN, Solange. Tradução: uma questão de discurso, de língua e de equívoco. **Artexto**, Rio Grande, v. 12, p. 95-108, 2001.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3.ed. Campinas: Unicamp, 1995.

ORLANDI, Eni P. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. Tradução de *Les vérités de la Palice*, 1975.

ROSAS, Cecília et al. Conjurando traduções: a tradução coletiva de Caliban and the Witch ao português brasileiro como estratégia feminista transnacional. **Mutatis Mutandis – Revista Latinoamericana de Traducción**, v.13, n.1, p. 117-138, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.17533/udea.mut.v13n1a06>

SANTANA, Bianca. Prefácio. In: FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 9-19.